

Medicina, Saúde & História
volume 11

Coordenadores da coleção

André Mota

Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho



EDUCAÇÃO SANITÁRIA
fontes, ambientes escolares,
ações estatais e intelectuais mediadores



Ariadne Lopes Ecar
Ricardo dos Santos Batista
André Mota
organizadores

EDUCAÇÃO SANITÁRIA
fontes, ambientes escolares,
ações estatais e intelectuais mediadores

HUCITEC EDITORA
São Paulo, 2022

© Direitos autorais, 2022, da organização de,
Ariadne Lopes Ecar, Ricardo dos Santos Batista & André Mota
Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Tel.: (55 11) 3892-7772 3892-7776
www.huciteceditora.com.br
www.lojahucitec.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
MARIANA NADA

Produção editorial
KÁTIA REIS

Assistência editorial
MARIANA BIZZARRO TERRA

Circulação
ELVIO TEZZA

Preparação e revisão
JORGE MOUTINHO LIMA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E26

Educação sanitária : fontes, ambientes escolares, ações estatais e intelectuais mediadores /
organização Ariadne Ecar, Ricardo dos Santos Batista, André Mota. – 1. ed. – São Paulo:
Hucitec, 2022.

322 p. ; 23 cm.

(Medicina, saúde & história ; 11)

Inclui índice

ISBN 978-85-8404-254-8

1. Educação sanitária – História – Séc. XX. I. Ecar, Ariadne. II. Batista, Ricardo dos
Santos. III. Mota, André. IV. Série.

22-76007

CDD: 362.109

CDU: 614(09)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



Este livro é dedicado a Flávio George Aderaldo (*in memoriam*)

SUMÁRIO

13 PREFÁCIO, *Heloísa Helena Pimenta Rocha*

19 INTRODUÇÃO

PARTE 1 – EDUCAÇÃO SANITÁRIA EM FONTES E IMPRESSOS

23 CAPÍTULO 1 – Fontes sobre Educação Sanitária em acervos paulistas, *Ariadne Lopes Ecar*

43 CAPÍTULO 2 – “Instruir as crianças nos princípios da higiene”: notas sobre viagens, livros e conexões entre Brasil e Estados Unidos, *Heloísa Helena Pimenta Rocha*

59 CAPÍTULO 3 – Educação Sanitária na *Revista de Educação e Saúde* de Goiás, *Verônica Pereira Viana*

PARTE 2 – EDUCAÇÃO SANITÁRIA EM AMBIENTES ESCOLARES

- 81 CAPÍTULO 4 – Educação Sanitária: projetos de medicina e saúde escolar em Portugal no início do século XX, *Anabela Araújo de Carvalho Amaral & Margarida Louro Felgueiras*
- 104 CAPÍTULO 5 – Educação Sanitária da Criança Pré-Escolar (São Paulo, Década de 1920), *Márcia Guedes Soares*
- 124 CAPÍTULO 6 – Escola que mais parecia uma enfermaria ou companhia de moléstias infectocontagiosas: os discursos em defesa de uma educação da saúde na Escola de Aprendizes Marinheiros da Paraíba, *Azemar dos Santos Soares Júnior*
- 142 CAPÍTULO 7 – A Escola de Saúde Pública de Minas Gerais: sujeitos circulantes em meio às configurações da Educação Sanitária (1940-1960), *Bráulio Silva Chaves*

PARTE 3 – EDUCAÇÃO SANITÁRIA E AÇÕES ESTATAIS

- 167 CAPÍTULO 8 – Para o interior, a partir da capital: a Educação Sanitária em Santa Catarina, 1910-1920, *Julia Vieira Tocchetto de Oliveira & Liane Maria Bertucci*
- 186 CAPÍTULO 9 – A Educação Sanitária em Minas Gerais na primeira metade do século XX: “a melhor e mais eficiente arma no combate às epidemias ou endemias”, *Eliane Vianey de Carvalho*
- 205 CAPÍTULO 10 – La Educación Sanitaria en Argentina: de la higiene persuasiva a una política estatal modernizadora (1920-1970), *Karina Inés Ramacciotti & Carla Soledad Reyna*

PARTE 4 – EDUCAÇÃO SANITÁRIA, INTELLECTUAIS E MEDIAÇÃO CULTURAL

- 225 CAPÍTULO 11 – “Um consultório gratuito nas páginas do jornal”: Antônio de Barros Barreto, mediação cultural e educação sanitária em Salvador-BA, 1940-1942, *Ricardo dos Santos Batista & Gustavo Querodia Tarelow*
- 246 CAPÍTULO 12 – Origens do Serviço Especial de Saúde Pública na Amazônia: contribuições do intelectual Dalcídio Jurandir, *Fernando Farias*
- 269 CAPÍTULO 13 – Educação em saúde e utopia comunitária em anos de desenvolvimentismo: a experiência do sociólogo José Arthur Rios no Serviço Especial de Saúde Pública (1953-1958), *Thiago da Costa Lopes & Carolina Arouca Gomes de Brito*
- 295 ENTREVISTA COM AUSONIA FAVORIDO DONATO – Experiências e memórias de uma educadora em Saúde no estado de São Paulo
- 309 POSFÁCIO, *André Mota & Maria Gabriela S. M. C. Marinho*
- 319 SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)



PREFÁCIO

Educação Sanitária: um objeto multifacetado

Heloísa Helena Pimenta Rocha

Em que consiste a Educação Sanitária? A que objetivos respondeu, historicamente, a sua institucionalização? A quem se destinaram, em diferentes momentos históricos, os seus ensinamentos? De que meios se lançou mão para assegurar que tais ensinamentos alcançassem os sujeitos a quem se destinavam? Quais as representações produzidas acerca desses sujeitos e de seus modos de vida? Que práticas se instauraram para atingir os objetivos visados pelos projetos de Educação Sanitária? Que profissionais foram chamados a pôr em marcha esses projetos e como foram formados? Eis algumas das indagações em torno das quais se organiza a presente obra, que chega às mãos do público leitor em um momento extremamente oportuno, em que o surgimento de um novo vírus e a sua propagação em escala mundial, acompanhada de um número alarmante de vítimas, colocou na ordem do dia a adoção de regramentos sanitários, convocando cada um, individualmente, à adoção de novos comportamentos, como forma de proteção individual e coletiva.

Um excerto extraído de uma conferência proferida pela educadora sanitária paulista Maria Antonietta de Castro, em 1960, sob o título “O professor em face dos problemas da saúde do escolar”, pode oferecer alguns indícios das respostas oferecidas, historicamente, a algumas dessas questões. Segundo afirmava a educadora sanitária, à época responsável pela Diretoria do Serviço de Saúde Escolar:

[...] a educação sanitária, de hoje, vai mais longe que o simples domínio dos fatos, que a decoração de uma série de regras. Visa o aperfeiçoamento da vida humana, proporcionando, à criança, experiências e instrução que as auxilie [*sic*] a desenvolver as práticas de saúde, as atitudes sadias e o conhecimento dos preceitos da saúde. Viver, cada dia mais sadiamente, e aprender a enfrentar situações novas de uma maneira sadia.

O programa de saúde, principalmente, nos primeiros anos primários, torna-se, assim, mais um subsídio para um modo de viver, do que um assunto a ser ensinado. Circunscreve-se à formação e extensão de práticas desejáveis, atitudes e conhecimentos, associados ao asseio pessoal e do vestuário, estimulado pela revista diária de asseio, cuidado com os dentes, olhos, nariz, ouvido; ar fresco, luz do sol; sono, repouso; alimentação e crescimento; postura; eliminação e ajustamento emocional e social (Castro, 1960, p. 16).

As reflexões de uma profissional com uma larga trajetória, que se iniciou no magistério primário e teve continuidade na Educação Sanitária e na filantropia, procuravam enfatizar o objetivo de aperfeiçoamento da vida humana a que visava um programa de Educação Sanitária na escola. Objetivo esse que não podia ser alcançado por meio da simples memorização de todo um conjunto de regras, embora, para atingi-lo, não se pudesse prescindir do conhecimento dos preceitos de saúde. Assim, ela procurava deixar claro que, para assegurar a prevenção das doenças, a preservação da saúde e, enfim, o aperfeiçoamento da vida, era necessário atentar para a dimensão prática de que se revestia a aquisição dessas noções. A Educação Sanitária das crianças, representada como meio de oferecer a elas o necessário “subsídio para um modo de viver”, exigia, pois, o concurso de “práticas desejáveis, atitudes e conhecimentos”, que recobriam as mais diversas dimensões da vida cotidiana. Focando no papel da escola e do professor, Castro insistia na importância das práticas ligadas a asseio, alimentação, sono, exercícios ao ar livre e repouso, as quais, instauradas desde o início

da escolarização, incidiriam sobre os modos de vida da criança e, de forma indireta, da sua família, assegurando, desse modo, que ela vivesse “cada dia mais sadiamente”.

Sem fazer menção a expressões como “hábitos saudáveis” ou “hábitos higiênicos”, o discurso da educadora sanitária faz ecoar, algumas décadas mais tarde, a mesma ambição presente nos momentos iniciais de sua formação e atuação profissional, expressa nos anseios de formação da consciência sanitária individual. Não é demais, nesse sentido, voltarmos ao texto legal que instituiu a reforma do Serviço Sanitário de São Paulo, em 1925, o qual previa que “a educação sanitaria se fará sempre com toda a generalidade possível e pelos processos práticos de modo a impressionar e convencer os educandos a implantar hábitos de hygiene” (Decreto n.º 3.876, de 11 jul.1925). Nessa direção, o Regulamento do Curso de Educadores Sanitários, aprovado em 1926, estabelecia como um dos objetivos da atuação desses novos profissionais: “disseminarem estes, no exercício do magistério, os conhecimentos, por todas as camadas sociaes, concorrendo, deste modo para a formação da consciência sanitária do povo e, nas campanhas prophylacticas, cooperando com o serviço de saude publica” (Decreto n.º 4.089, de 17 ago. 1926). Como se pode observar, a “vontade de convencer” (Vigarello, 2001, p. 214), a que se refere o historiador francês Georges Vigarello, parece uma marca recorrente na história da Educação Sanitária. O intento de formação da consciência sanitária, como vontade de impressionar e persuadir, dirigindo-se predominantemente a determinadas camadas da população, tinha como alvo, no limite, promover a adesão a novas formas de vida, representadas como signos de civilização e progresso.

O excerto do discurso de Maria Antonietta de Castro, um nome recorrentemente lembrado quando se estuda a Educação Sanitária, notadamente em São Paulo, e os apontamentos sobre a reforma sanitária de 1925 figuram como entrada privilegiada para apresentar ao leitor esta obra, que convida a percorrer várias das sendas abertas pelo estudo desse objeto multifacetado, como evidenciam os estudos no campo da história da saúde e da história da educação que, desde os anos 1980, têm chamado a atenção para os vínculos entre educação, saúde e trabalho, nos projetos de modernidade formulados pelos intelectuais brasileiros, nas primeiras décadas do século XX. Décimo primeiro volume da promissora coleção Medicina, Saúde & História, o livro *Educação Sanitária: fontes, ambientes escolares, intelectuais mediadores e ações estatais*, que tenho a honra de apresentar ao leitor, reúne um grupo de estudiosos e estudiosas do tema em torno de um amplo conjunto de interrogações que têm como foco os debates e as iniciativas em

torno da Educação Sanitária, os quais tiveram lugar em diferentes latitudes, incluindo, além de estados de todas as regiões brasileiras, as experiências de outros países.

O conjunto de textos abarca um marco temporal e espacial amplo o suficiente para dar conta das inflexões que vão dos discursos e intervenções situados no campo da higiene escolar às iniciativas no campo da Educação Sanitária, flagrando os deslocamentos observados, a partir da década de 1960, os quais responderam pela emergência da educação em saúde. Tal investimento permite observar um diversificado leque de iniciativas voltadas para a prevenção das doenças e a preservação da saúde, incluindo tanto aquelas que tiveram lugar na escola como as que se desenvolveram em outros espaços institucionais. As mudanças nas formas de nomear essas estratégias de intervenção em saúde calcadas em uma forte aposta na educação da população — Educação Higiênica, Educação Sanitária, Educação em Saúde —, as variadas práticas recobertas pelo termo Educação Sanitária, as negociações em torno de distintos projetos, paralelas às disputas entre diferentes grupos profissionais, são elementos importantes nesse mergulho na história da constituição do campo da Educação Sanitária. Nesse sentido, a obra põe em cena uma leitura refinada das práticas de Educação Sanitária — em seus parentescos com a puericultura, a eugenia, a moral, os estudos de comunidade —, muitas das quais, tomando como ponto de partida ou tangenciando a educação escolar ou a forma escolar de socialização, buscaram se espriar para outros espaços e atingir outros sujeitos, interferindo sobre os seus modos de viver e se comportar.

Reunindo um conjunto de textos que possibilitam lançar um olhar acurado sobre os projetos estatais e de instituições filantrópicas; as iniciativas que tiveram na escola o seu foco e as que se desenvolveram em outros espaços institucionais; os intelectuais envolvidos nesses projetos; as representações acerca das crianças e suas famílias; as fontes e impressos produzidos no âmbito de distintas iniciativas, a obra contribui para adensar as reflexões sobre os sentidos assumidos pela Educação Sanitária historicamente. Cabe destacar, nesse sentido, o instigante questionário a que procuram responder os pesquisadores e pesquisadoras, que inclui os objetivos que responderam pela criação e extinção de órgãos, os profissionais responsáveis pela implementação dos distintos projetos, a ação das agências internacionais e os sujeitos aos quais se destinaram as várias iniciativas estudadas. Emerge do conjunto das reflexões propostas a possibilidade de uma leitura da Educação Sanitária que se espriai para além da escola, permitindo nuançar os diferentes matizes assumidos pelos projetos

implementados, historicamente, em distintas regiões e, ao mesmo tempo, capturar as semelhanças e continuidades, expressas pelo recorrente apelo à formação da consciência sanitária do povo. Apelo calcado em representações da criança como futuro da nação e, portanto, como alvo de várias iniciativas, associadas a representações da mulher como responsável pelo cuidado e educação dos pequenos.

O rico e denso exercício de análise desenvolvido nesta obra permite flagrar a presença dos vários profissionais formados com o intento de atuar nesses projetos, entre os quais destacam-se educadoras sanitárias, enfermeiras, visitadoras sanitárias, professoras, imersas em relações nem sempre simétricas com os médicos, convocando a uma reflexão sobre o papel dessas mulheres numa agenda de saúde e educação, que as convocava a intervir na vida de outras mulheres — em geral representadas pela incapacidade de cuidar dos seus filhos — e se antepor aos riscos de adoecimento e morte, num nexos causal que, recorrentemente, associava a ignorância materna à mortalidade infantil. A obra põe em cena também distintos projetos institucionais, seus avanços e tropeços, possibilitando observar, ademais, a circulação internacional de saberes, pessoas e objetos em torno dessa agenda, bem como o papel dos mediadores culturais. Lugar central nesses intercâmbios ocupam os Estados Unidos, figurando a Fundação Rockefeller como ponto de interseção de várias das iniciativas voltadas para a formação profissional e para o desenho de formas de intervenção.

Para além das inventivas formas de constituição e de tratamento dos objetos estudados, cabe chamar a atenção do leitor para o amplo e variado *corpus* de fontes documentais mobilizadas nos estudos reunidos nesta obra. Os projetos examinados, tendo como intento atingir a população e persuadi-la a adotar novos modos de viver, lançaram mão de diversas estratégias de educação e propaganda, que incluíam a produção de cartazes, folhetos, livros escolares e a difusão dos preceitos higiênicos em revistas pedagógicas, jornais, programas de rádio e produções cinematográficas. Na busca de compreensão dessas estratégias e do papel dos mediadores, os pesquisadores e pesquisadoras desenvolvem análises sofisticadas, calcadas em fontes impressas e iconográficas.

Os quase dois anos de pandemia do novo coronavírus, que têm colocado diante de nós um cenário devastador, marcado por um número assustador de mortes e pelos riscos cotidianos de contaminação, exigindo a adoção de medidas sanitárias que restringem o convívio social, o uso de máscaras, a lavagem e higienização constante das mãos, diante das numerosas dúvidas em relação ao vírus, suas formas de propagação e os modos de

interromper a transmissão, convocam, como em outros tempos, ao desafio de assegurar a adesão às medidas de proteção, trazendo à baila indagações sobre a educação em saúde como forma de conscientização e adoção de novos comportamentos, lembrando também as resistências e as distintas formas de apropriação das prescrições higiênicas. Tudo isso torna a obra *Educação sanitária: fontes, ambientes escolares, ações estatais e intelectuais mediadores* uma leitura obrigatória e necessária.

Campinas, SP, primavera de 2021.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, M. A. *O professor em face dos problemas da saúde do escolar*. Palestra proferida por Maia Antonietta de Castor, Educadora Sanitária Chefe da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar, em Itapetininga, em julho de 1960. Arquivo Pró-Memória, São Paulo: Faculdade de Saúde Pública/USP.
- Decreto n.º 3.876, de 11 de julho de 1925. Reorganiza o Serviço Sanitário e repartições dependentes. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/133352>. Acesso em: 20 out. 2021.
- Decreto n.º 4.089, de 17 de agosto de 1926. Manda observar o Regulamento do Curso de Educadores Sanitários. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/134240>. Acesso em: 20 out. 2021.
- VIGARELLO, G. *História das práticas de saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.

INTRODUÇÃO

Saúde e Educação caminharam lado a lado especialmente a partir de fins do século XIX e início do século XX, quando a medicina buscou se firmar como campo específico de conhecimento e viu na Educação um dos principais veículos para a propagação de informações, mas também de projetos eugênicos, políticas de Estado e ações da própria sociedade sobre si, com a justificativa da construção de uma “Nação”.

Há algum tempo, profissionais da História, da Educação e da Saúde se debruçam sobre a compreensão dos processos que constituíram a Educação Sanitária no Brasil e em outros países, com a produção de dissertações, teses e artigos científicos. Atento a esse movimento, este livro tem como objetivo reunir alguns desses pesquisadores para apresentar ao leitor diferentes possibilidades teóricas, metodológicas e temáticas na interface entre esses campos. A Educação Sanitária se faz presente no cinema, na televisão e na internet de forma constante, especialmente em um período em que a pandemia de SARS-CoV-2 ainda se encontra em curso. Por isso, considera-se adequado compartilhar com a sociedade outras experiências que envolveram Educação e Saúde e suas implicações sociais.

Com o intuito de aprofundar reflexões nesse campo, o livro que ora organizamos se divide em quatro eixos. Longe de serem reflexões estanques, elas se articulam entre si e ampliam os olhares sobre as possibilidades de estudo da Educação Sanitária.

A primeira seção dá ênfase aos estudos sobre “Educação Sanitária em fontes e impressos”. Os trabalhos que a compõem apresentam fontes, arquivos e a circulação de conhecimento em livros e revistas, processo que ocorreu inclusive entre diferentes nações. Periódicos e documentos impressos pertencentes a instituições públicas e privadas podem figurar como instrumentos profícuos para a compreensão histórica da Educação Sanitária, como portadores de ideias e projetos.

Em seguida, o olhar é deslocado para a “Educação Sanitária em ambientes escolares”. Os textos desse grupo analisam diferentes instituições educacionais em Portugal, São Paulo e Paraíba nos primeiros anos do século XX, mas também a Escola de Saúde Pública de Minas Gerais entre 1940 e 1960, com o intuito de perceber as formas pelas quais Educação e Saúde estiveram presentes naqueles espaços. Não se pode desconsiderar a ação de agentes escolares, seja no planejamento, seja na execução dos currículos.

Os projetos de Estado são discutidos na seção “Educação Sanitária e ações estatais”, apresentando experiências singulares, mas que dialogam amplamente entre si. São analisados os percursos da Educação Sanitária, vista como um meio eficiente de controlar endemias e epidemias. No caso argentino, por exemplo, é possível observar a transição de uma higiene persuasiva para uma política estatal com pressupostos modernizadores.

Por fim, em “Educação Sanitária, intelectuais e mediação cultural”, compreende-se como a Educação Sanitária se entrelaçou com a vida de personagens considerados intelectuais. Antônio de Barros Barreto, Dalcídio Jurandir e José Arthur Rios são três exemplos de como Educação e Saúde podem ser analisadas na perspectiva das biografias/trajetórias de vida, a partir de indivíduos que pensaram e que as colocaram em prática.

Os textos que compõem essa coletânea não buscam apresentar consensos. Pelo contrário, partem das trajetórias acadêmicas e pessoais de seus autores e, por isso, utilizam lentes diferentes de análise. Convidamos os leitores a acompanharem essas perspectivas e a mergulharem nesse universo de possibilidades presente nos estudos sobre Educação Sanitária.

Os autores